

# humanitas

**Vol. XV–XVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

Dentro de cada canto, a divisão é tripartida, com um tema central posto em relevo por dois temas simétricos, um antes e outro depois, que constituem o «caixilho». Os elementos simétricos desse «caixilho» (*framework*) podem ser tanto concordantes como contrastantes, isto é, à felicidade de uma personagem, por exemplo, pode opor-se a infelicidade de outra.

Este engenhoso sistema verifica-o Duckworth no carme LXIV de Catulo e em toda a obra virgiliana, incluindo *Bucólicas* e *Geórgicas*.

Há que reconhecer a subtileza de espírito do Autor, que provavelmente lhe facilita o achado de todas estas concordâncias e simétricas discordâncias.

Mas há mais. Virgílio teria usado a *aurea sectio* na proporção existente entre as partes e o todo de cada canto ou peça poética. Segundo a *aurea sectio* (a que o Autor chama também em inglês *Golden Mean Ratio*), a parte maior está para a menor como o todo está para a maior. A razão é de 0,618, se a divisão é da menor pela maior; e 1,618, se inversamente. Estes cocientes são iguais, respectivamente, a  $1/2 (n/5 - 1)$  e  $1/2 (\sqrt{5} + 1)$ , expressão numérica que, citando outrem, G. Duckworth diz ter «desempenhado um tão grande papel nas tentativas de reduzir a beleza de proporções a uma fórmula matemática».

Os números que entram nas contas do A. são os dos versos de cada parte em que divide as obras analisadas. Por esse sistema, a *Appendix Vergi liana* (*Culex, Ciris, Aetna, Moretum, Dirae*) tanto pode como não pode ser de Virgílio, mas as «*Golden Mean Rationes...*» sugerem uma data de composição logo depois de Catulo e Lucrécio, na época exacta em que Virgílio dedicava especial atenção à Matemática e se consagrava também, sem dúvida, aos seus primeiros esforços poéticos. A estrutura simétrica dos poemas não parece indigna dele» (p. 96).

E assim o livro termina com mais de uma centena de páginas de cálculos que provam como Virgílio foi adepto desta formosura numérica.

Descontadas as preocupações matemáticas (cientismo discutível em que caem, por vezes, os filólogos), fica de pé a concepção meditada, calculada, da obra de arte de um *poeta doctus* como Catulo, Lucrécio, Virgílio ou Horácio.

Sem entrar em pormenores, nem ter tempo de verificar a exactidão das contas (feitas decerto no ambiente aristocrático e repousante do bucólico *campus* de Princeton University), não me custa admitir, em conclusão, a sábia arquitectura da poesia virgiliana.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Hilda Penteadó de Barros, *Propedêutica ao Grego*. Editora Herder,  
S. Paulo, 1962. 218 pp.

Trata-se de uma obra de iniciação destinada a proporcionar os conhecimentos de língua grega «necessários ao aluno ao acabar o primeiro ano de Faculdade» — como no Prefácio informa o Prof. R. Aubreton, que também anuncia a próxima introdução do Grego no ensino secundário, em São Paulo. Oxalá!

O livro da Professora Hilda Penteado de Barros apresenta um conjunto de exercícios graduados de versão do grego para português, e de português para grego, em que, ao longo de quarenta capítulos, se exemplificam as principais regras da Gramática.

Servem-lhe de base os parágrafos do compêndio de Ragon-Dain, indicados no começo de cada capítulo. Sobre eles se articulam frases bem escolhidas, quer do ponto de vista gramatical, quer do ponto de vista do enriquecimento do vocabulário, quer ainda da aquisição de conhecimentos a respeito da civilização grega.

Há também pequenos trechos seguidos sobre assuntos variados: biografia, história, instituições. E excertos de prosadores e de poetas suscitam o interesse do estudante.

No fim do livro, encontra-se para cada capítulo o vocabulário distribuído por substantivos, pronomes-adjectivos, palavras invariáveis e verbos. Não havendo notas interpretativas das expressões mais difíceis, é lícito concluir que o livro se destina a alunos cujo aprendizado é assiduamente dirigido por um professor.

A apresentação gráfica é modelar. Bom papel, boa impressão, gravuras bem escolhidas e sucinta, mas correctamente explicadas.

Alguns erros de impressão, não muito numerosos, são naturalmente inevitáveis numa primeira edição.

Desejamos à Autora e ao seu livro o mais completo êxito, a bem da difusão do estudo do Grego no Brasil.

A. C. R.

Robert Payne, *The Gold of Troy*. Paperback Library, Inc. New York, 1961. 224 pp.

Eis uma biografia de Schliemann que se lê como um extraordinário romance de aventuras ou como um volume de exemplos de grande força de vontade. Partindo da miséria dum lugar de marçano de mercearia (situação a que teve de recorrer, ao ser forçado a abandonar a escola, por falta de dinheiro), acabou milionário, com fortunas conseguidas na Rússia e nos Estados Unidos.

Antes de deixar a escola, escreveu em latim uma descrição da Guerra de Tróia, e, ao ouvir recitar Homero na mercearia onde trabalhava, pediu a Deus que um dia lhe desse a graça de saber grego. Não muito depois de deixar a loja, e enquanto dava os primeiros passos como empregado de escritório, aprendeu quase inteiramente por si inglês, francês, holandês, espanhol, italiano e português e aperfeiçoou o seu alemão natal.

Aos vinte e dois anos, com a posse de sete línguas e alguma experiência da vida comercial, entrou na casa Schröder que tinha negócios com a Rússia. Não hesitou em aprender russo imediatamente e em breve estava em Moscovo onde a importação de anil não tardaria a estar em suas mãos. Atrás da fortuna do anil, veio a do ouro da Califórnia e outras mais em anos subsequentes.